

ENTREVISTA DO ESCRITOR SALIM MIGUEL

SALIM MIGUEL responde à MAPILDA COUTINHO*

O QUE ESPECIFICA UM ESCRITOR CATARINENSE?

Não sei se há algo que especifique um escritor catarinense. Será, por acaso, o fato de ter nascido em terra catarinense? Ou ter se criado e vivido aqui? No primeiro caso, vamos a um exemplo concreto: Deonísio da Silva, nascido em Santa Catarina, mas com toda uma formação e vivência fora daqui será, dentro de tal configuração, um escritor catarinense, já que sua postura e sua temática raramente se circunscrevem ao estado? Por outro lado, Holdemar Menezes, nascido no Ceará, criado no Rio onde se formou, mas com um tipo de literatura e de temas voltados para a realidade catarinense não será, na verdade, um escritor catarinense? Penso que, basicamente, o necessário é que alguém seja antes de tudo escritor. Depois vem o depois. E à denominação escritor catarinense prefiro escritor de Santa Catarina.

COMO VOCÊ VÊ A LITERATURA CATARINENSE APÓS O GRUPO SUL?

Ainda dentro do enfoque anterior, eu diria "como você vê a literatura que se pratica em Santa Catarina após o Grupo Sul". Pois bem. A meu ver (e isto tenho repetido), a literatura de

*Mestranda em Letras.

Santa Catarina tem se processado em ciclos. Vamos situar a afirmação: há o ciclo da Idéia Nova (fins do século passado), o ciclo da ACL (década de 20), o ciclo do Grupo Sul. O que os diferencia é que com o Grupo Sul houve como que uma ruptura. A tentativa (bem ou mal sucedida pouco importa) de romper com a pasmaceira, o conformismo, o academicismo. Buscou-se arejar o ambiente e fazer chegar até Florianópolis (depois o interior) a Semana de Arte Moderna (São Paulo, 1922), que em outras regiões do País já começava até a ser questionada. Voltando ao Grupo Sul. Quer se queira quer não, após seu aparecimento houve uma modificação estrutural em todas as áreas de cultura, que veio beneficiar todos os que nela atuam - aceitam eles ou não as premissas do Grupo. E sua influência - louvado, atacado - se faz presente até nos nossos dias, mais de 30 anos passados de sua deflagração.

HOUVE UMA ÉPOCA DE ASCENDÊNCIAS DO CONTO CATARINENSE, QUAL FOI E O QUE LHE É ATRIBUÍDO?

Costumo dizer que na literatura de Santa Catarina dois gêneros se destacam: o conto e a poesia. Em ambos podem ser citados vários nomes que, hoje, se colocam lado a lado com os mais expressivos do País. Já o mesmo não ocorre no romance, no ensaio, etc. Falo tanto quantitativa como qualitativamente. Agora, explicar a chamada ascendência do conto nos levaria não a uma simples resposta a seu questionário, mas a um ensaio. Aliás, que merecia ser desenvolvido, quem sabe numa dissertação de mestrado!

COMO VOCÊ CLASSIFICARIA O TIPO DE TRABALHO (CONTO) QUE VOCÊ ESCREVE?

A classificação ficaria melhor se feita por um crítico, um ensaísta, um estudioso do fenômeno da criação literária. Distanciado, teria uma perspectiva mais exata. Em todo caso, vamos lá. Sucintamente: meu conto é basicamente marcado por um tom memorialístico; nele a crítica tem anotado que não é nunca um conto de ação, mas de atmosfera. Pouco importa o que acontece (se algo realmente acontece neste sentido de ação, aventu-

ra, etc.), mas sim como e porque acontece. Em geral o fio da história é mínimo, há um jogo intertextual, busco a fruição do texto e a reflexão sobre o que virá; e há também sua preocupação em atingir o leitor não só pela emoção mas pelo intelecto.

QUAL A TEMÁTICA MAIS CONSTANTE NOS SEUS CONTOS?

Tempo, memória, morte, velhice - eis os temas mais frequentes na minha ficção. Isto se manifesta desde meu primeiro livro, curiosamente denominado **Velhice e outros contos**. A preocupação com tais temas faz com que eles sejam abordados sob diferentes ângulos. Li não sei onde nem quando, que na vaidade todos nós (re)escrevemos sempre o mesmo texto, a mesma história, levando-a até um ponto de exaustão, de saturação. Isto acaba por nos impregnar de tal maneira que, com o passar do tempo, tudo se transfigura num problema de composição que funde realização artística e recuperação de um mundo que nos está, por igual, distante e próximo, digamos distante no tempo e próximo na memória.

POR QUE BIGUAÇU É TÃO CONSTANTE NOS SEUS CONTOS? É INTENCIONAL ESTA TRANSFERÊNCIA DO LOCAL PARA O TRANSCENDENTAL?

Fausto Cunha, num ensaio sobre meus contos, refere-se a eles como desenrolados num "condado faulkneriano de Salim Miguel". Sem querer, nem de longe, me aproximar do grande prosador norte-americano, a colocação me parece válida e pertinente. Por que? Em lugar de criar uma cidade fictícia para nela desenrolar meu mundo interior, fazê-lo vir à luz e extravasar meus fantasmas, simplesmente adaptei às minhas necessidades de escritor uma cidade já existente: Biguaçu. Um exemplo: em meu livro, **A morte do tenente e outras mortes**, que um crítico em artigo para o **Jornal do Brasil** denominou de "romance desmontável", todas as histórias ou se passam em Biguaçu ou remetem para Biguaçu. Pois bem. No meu caso há sempre um fato qualquer que me pega e me leva para a realização da história, para a montagem da estrutura e para a criação do clima específico. Pode ser um som, uma imagem, uma palavra, uma paisagem, uma visão. Delas chego, muitas vezes, até lugares insuspeitados no

campo da criação. Mas há outros contos que partem de fatos concretos, palpáveis, que eu tomo e recrio. Um deles: "As queridas velhinhas". História de duas velhinhas iguais em tudo, perdidas num casarão, vivendo da memória e do passado - e, que realmente existiram, parantes do meu grande e inesquecível amigo Anibal Nunes Pires. Muitas vezes, em conversas, ele me falava delas; um dia eu lhe disse: "Anibal, te cuida se não acabo te roubando o tema que me fascina." E ele: "É teu." Acontece que a história real se desenrolava em Florianópolis. Eu precisava dela em Biguaçu. O que fiz? Tomei tudo (velhinhas, casa, árvores, chão, situações, etc.) e transplantei para Biguaçu. Mas só isto ainda não bastava. Como minha preocupação era interligar as histórias, dando-lhes uma unidade interior e exterior, busquei entre meus outros personagens parentes para as velhinhas, situei-as no tempo e no espaço, tornei-as conhecidas na cidade, armei causos com elas ocorridos. E elas passaram a fazer parte do universo de Biguaçu.

Agora outra explicação: a denominação "romance desmontável" se deve ao fato de que personagens, situações, realização, etc. se interpenetram e convergem de uma história para outra, podendo aqui um personagem ser simples figurante mal percebido e ali passar a protagonista; ou então uma situação que mal se esboço num conto adquire contorno em outro.

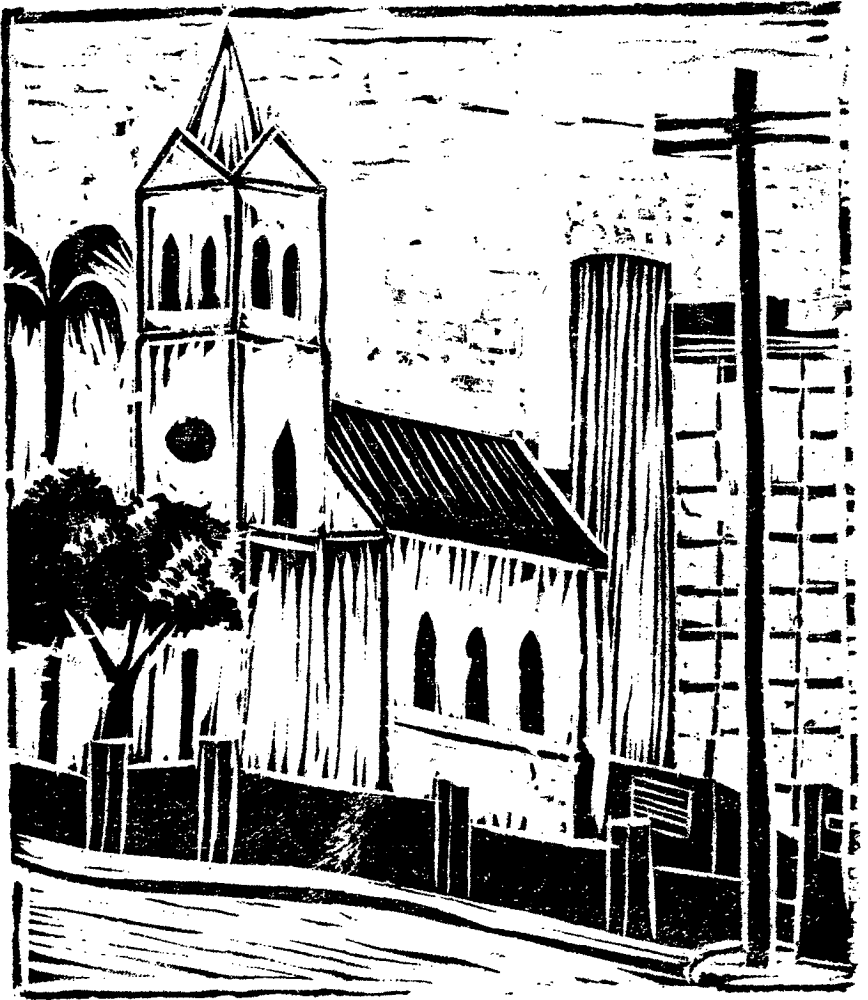
Retomando a pergunta pela base: comecei a escrever tendo Biguaçu como centro de minha ficção como que inconscientemente, sem me dar conta. Isto durou alguns anos e alguns livros. De repente me apercebi de que havia ali uma estranha unidade. E a partir de então, sem forçar a barra, comecei a centrar minha proposta literária no universo mítico e real de Biguaçu.

Ainda há pouco precisei escrever um conto. A estrutura eu já tinha, o tema surgia aos poucos, o clima se armava, as situações se esboçavam. Então, simplesmente retomei quatro personagens de uma das histórias já publicadas, coloquei-os trinta anos mais adiante, procurei me situar na posição deles naquele período tão mais distante, como eles reagiriam, o que seria daquelas vidas. Sempre em Biguaçu, agarradas como que a um visgo que os impedia de escapar. Nada forcei nem violencei. Tudo veio naturalmente e se integrou a um universo que se vai am-

pliando aos poucos.

O mesmo ocorreu com um romance mais ambicioso, que deve sair em julho por uma editora de São Paulo. O fio básico da ação (pequena ação pois aqui também temos mais é a atmosfera que tudo impregna) se desenrola no Rio de Janeiro, remetendo num segundo plano para Florianópolis. Mas, sem sentir, logo vi meus personagens se encaminhando, irresistivelmente, como sonâmbulos, para Biguaçu.

Assim, parece-me, não vou mais conseguir me desligar de Biguaçu. Nem Biguaçu de mim. Socorrendo-me do meu sangue árabe, para concluir, eu diria: **Maktub**. Que, fatalisticamente, quer dizer: **está escrito**. Se não, como explicar a longa caminhada do Líbano até Florianópolis, quando o destino de meus pais era, através do México, chegar aos Estados Unidos.



BONSON